

D_2 - EXPERIÊNCIA COM A HIPÓTESE (ESCADINHAS DE LISBOA) Fac-simile de um dos 33 caderno de campo encontrados pelo pesquisador

Ricardo Luis Silva¹

Experiência com a hipótese (escadinhas de Lisboa)

hipótese s.f. (1713) 1 proposição que se admite, independentemente do fato de ser verdadeira ou falsa, como um princípio a partir do qual se pode deduzir um determinado conjunto de consequências; suposição, conjectura 2 possibilidade de (alguma coisa que independe de intenção humana ou causa observável) acontecer; chance, opção 3 FIL proposição (ou conjunto de proposições) antecipada provisoriamente como explicação de fatos, fenômenos naturais, e que deve ser ulteriormente verificada pela dedução ou pela experiência. (HOUAISS, VILLAR, 2009, p. 1027).

Capacidade, disponibilidade, subjetivação, experiência... de olhar no olho do outro, como provoca Maria Rita Kehl. A experiência de confrontar o Outro, estar no lugar do Outro e, mesmo assim, não destruir o Eu. Até mesmo o contrário, na construção da intersubjetividade, alteridade, a constituição da própria subjetividade. Me faço no olhar do outro.

O fim dessa, ou para essa, tese está justamente nessa “capacidade do *alter*”, no sofrimento e sobrevivência – subjetiva – que o Eu, corpo, enfrenta no contato com o Outro, fundamentalmente no espaço desse último; na Cidade.

Esse fim está colocado, explícita ou sutilmente, nos 32 outros fragmentos deste trabalho. A experiência de alteridade urbana é o fim maior desejado como tese. A hipótese do Trapeiro como proposição para a “verificação” dessa tese se coloca como alternativa. Verificação que não se pretende objetiva ou racionalizada, comprobatória. Verificação como experiência e atestado de uma possibilidade; possibilidade subjetiva; para subjetivação, sobrevivência, do corpo e da alteridade.

Toma-se todo o arcabouço teórico e referencial levantado e refletido durante a caminhada por todos os outros 32 fragmentos anteriores (ou posteriores, dependendo da escolha de leitura), incorporando e colocando-os à experimentação empírica. Novamente, sem uma intenção comprobatória, apenas como reconhecimento de possibilidade e experiência.

O momento conveniente para tal experimentação da hipótese – incorporação do Trapeiro munido de “lanterna”, “gancho” e “saco” – surge de forma aberta e potente. Vamos aos fatos e seus tempos:

¹ Graduado em Arquitetura e Urbanismo em 2005 pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em 2008 e Doutor em 2017 pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor e pesquisador de Teoria, Estética e Leituras Urbanas no Centro Universitário Senac, coordenador do grupo de pesquisa Outras Cartografias: táticas e representações do viver urbano contemporâneo.

Por ser professor universitário com dedicação de 40 horas semanais de atividades de ensino e pesquisa no Centro Universitário Senac, fui convidado a participar de um programa de incentivo acadêmico promovido em parceria entre a instituição de ensino e o grupo Santander Universidades. Passei pelo processo seletivo interno de 2015 e me foi concedido uma bolsa de estudos e um período de licença remunerada para viagem a qualquer país ibérico, onde poderia me dedicar a alguma investigação em desenvolvimento tanto na graduação quanto na pesquisa.

Naquele ano eu estava dedicando muito de meus esforços acadêmicos justamente em condensar as questões hipotéticas deste trabalho e orientando alguns trabalhos finais de graduação e iniciações científicas com assuntos muitos articulados entre si. Caberia, por isso, aproveitar esse tempo concedido (cerca de 40 dias) e colocar em prática investigativa a hipótese do Trapeiro. A escolha da cidade destino deveria ter como pressuposto uma mínima familiaridade corporal. Questões culturais e linguísticas (comunicação) deveriam ser minimamente próximas ao meu cotidiano, justamente para que o inevitável “estrangeirismo” não fosse maior, evitando assim, ou reduzindo, as primeiras barreiras inerentes a um experimento etnográfico e empírico. A imersão corporal em uma “cidade que fala”, “se alimenta”, “se veste” como eu, certamente poderia expandir as possibilidades de experimentação da hipótese.

A cidade escolhida como destino e campo de experiências foi Lisboa, em Portugal. Língua e cultura muito semelhantes, formações históricas intimamente articuladas com as do Brasil, onde as constituições urbanas são herdadas visceralmente através das ocupações de territórios banhados por rios e morros. São Paulo e Lisboa são cidades que se aventuram entre caminhos d’água e pequenas encostas e colinas (tomo o cuidado, e peço o mesmo ao leitor, de não comparar as duas cidades, atitude leviana e sempre parcial e tendenciosa de tantas pesquisas acadêmicas).

Lisboa não era uma cidade completamente desconhecida, mas estava longe de ser um território familiar e cotidiano. No momento da escolha da cidade de destino para o uso-fruto da bolsa, a lembrança de uma rápida passagem pela cidade alguns meses antes também foi crucial para sua escolha: seria possível experimentar os escadões paulistanos também em outro contexto cultural e territorial, através das escadinhas lisboetas.

Por isso, assim como nos escadões paulistanos, esse não é um fragmento, ou texto, **sobre** as escadinhas de Lisboa, mas um texto sobre a experiência de uma hipótese **nas** escadinhas de Lisboa. Não me preocupei, nem tampouco me comprometi cientificamente, em levantar dados históricos, ou de quaisquer outro tipo que não a pura experiência corporal, sobre as escadinhas.

As escadinhas de Lisboa são lugares urbanos do cotidiano, territórios do encontro com o outro, espaços ordinários integrantes da vida cotidiana da cidade e que recebe, assim como ruas, calçadas e praças, o olhar, o interesse, o tempo e o corpo do homem comum.

As escadinhas foram escolhidas como elementos a serem colecionados, como trapos a serem recolhidos, como locais a serem explorados e experimentados etnográfica e corporalmente, reconhecendo e registrando a presença do corpo do homem comum como possibilidade de uma construção de narrativas urbanas. As escadinhas de Lisboa serão incorporadas como espaços urbanos marginalizados – entendo marginalizados como estando distantes das propostas urbanas modernizadoras, racionalizadas e tecnicistas da cidade contemporânea – capazes de desenhar o corpo do homem urbano e serem desenhadas pela passagem do tempo e do corpo do homem no cotidiano. O que se verá a seguir é o relato desta experiência, o relato dos procedimentos

adotados, dos conceitos praticados. Não estarão presentes análises, interpretações, elaborações (pelo menos não intencionalmente). Um mapa de uma experiência com a hipótese. Um mapa sintetizado, recortado, reduzido. Diminuído por conta do espaço disponível dentro desta tese. Um mapa-síntese.

Procedimentos, passo 1: mapeamentos

Com a proposta aprovada pela comissão de seleção na instituição, foram feitos contatos e tratativas acadêmicas com a instituição de ensino ISCTE, do Instituto Universitário de Lisboa, que me receberam e deram o suporte necessário para a realização da investigação.

Chegando em Lisboa, no dia 26 de abril de 2016, o primeiro passo da experiência com a hipótese foi mapear as escadinhos da região central da cidade. Esse mapeamento foi realizado inteiramente sem acesso anterior a mapas ou listas de endereços de qualquer espécie, apenas caminhando pela cidade. Foram 10 dias percorrendo ruas, becos e largos sem um destino certo ou percurso pré-estabelecido, apenas serpenteando à pé as sete colinas que compõem o centro histórico da cidade, buscando e reconhecendo indícios da existência de escadinhos na trama urbana irregular típica de assentamentos em desníveis e ao redor de colinas. Um flunar típico de um Trapeiro em busca de seus objetos a serem recolhidos e colecionados. Muitas dessas caminhadas foram, inclusive, bastante infrutíferas para a catalogação, mas nunca um problema, pois inutilidades são também muito fortuitas ao trapeiro-colecionador, pois constituem-no.

A cada escadinha encontrada (evidentemente não foram descobertas como elementos urbanos em si, mas sim assumindo sua existência perante o corpo do Trapeiro ao ser encontrada), sua localização era pontuada em um antigo mapa de 1884 – sugestão do prof. Saldanha, por estar nele presente pela primeira vez a ilustração e representação urbana oficial de muitas das escadinhos, apesar de já presentes na vida cotidiana da cidade a séculos. Além da marcação no mapa, cada escadinha foi identificada com o nome encontrado nas placas de sinalização urbana e numeradas na sequência de sua “descoberta”. Foram encontradas, durante esse período, 126 escadinhos, número que certamente seria maior se houvesse mais tempo e mais disposição física para caminhadas mais longas, pois sempre foram feitas inteiramente à pé partindo sempre de minha residência provisória (Rua da Quintinha, 22, Bairro São Bento), ou seja, o único limite ou recorte agenciado para o mapeamento das escadinhos foi temporal e corporal.

Cada uma das 126 escadinhos foram “desenhadas com o corpo”, levantamento métrico corporal (medidas em pés, passos, braçadas) e contagem de degraus, anotados em um “caderno de campo”, e também registradas com fotografias catalográficas, algumas delas com montagens panorâmicas. Alguns elementos foram sendo incluídos na catalogação, como árvores, lixeiras, postes presentes nas escadinhos.

No final dos 10 dias de perambulação e mapeamento, em grande medida encerrado por conta da exaustão do corpo, produzi um balanço da catalogação, com total de escadinhos encontradas, degraus pisados, patamares medidos, elementos urbanos contados, cenários fotografados. E, enquanto contava passos e degraus, tornei-me um personagem estranho aos transeuntes e moradores das imediações das escadinhos. Era visto como algo deslocado, despropositado. Sem querer, as vezes atrapalhava a circulação com meu olhar baixo e passos curtos e contados. Incomodava com minha presença lenta os turistas que pretendiam ter uma foto perfeita de uma perspectiva perfeita com figurantes perfeitos cruzando perfeitamente o cenário bucolicamente perfeito para uma foto sem valor. Em outros casos, principalmente aos passantes

mais lentos como eu, fui questionado com interesse e curiosidade. Ao explicar minhas intenções a uma senhora que me abordou pela janela limítrofe a uma escadinha, fui chamado por ela de “olisipógrafo das escadinhos”. O termo, até então desconhecido, representa uma classe de pesquisadores “informais” dos espaços urbanos da cidade de Lisboa. A Olisipografia, considerada um patrimônio cultural municipal, é o estudo das temáticas culturais, históricas, sociais e econômicas – principalmente as ordinárias e cotidianas, a história menor – do espaço urbano lisboeta (batizada antigamente de Olisipo). Preocupados com o registro do cotidiano, do tempo, das banalidades constitutivas da vida urbana nas freguesias e aglomerações em desenvolvimento da Lisboa dos séculos XVIII e XIX, baseados em pesquisas empíricas e em relatos orais, os Olisipógrafos são considerados etnógrafos nativos, fotógrafos da realidade cotidiana, antropólogos do homem e dos espaços urbanos comuns de Lisboa. Enfim, após conhecer o significado do termo, me senti batizado e incorporei, junto ao Trapeiro, a figura do Olisipógrafo.

Procedimentos, passo 2: cronofotografias

Incorporado, e oficialmente batizado, retornei às escadinhos como Trapeiro-Olisipógrafo. Da grande coleção, foram escolhidas nove escadinhos para serem experimentadas mais profunda e cotidianamente. A escolha se deu ora por afinidade corporal, memorial, afetiva (algo que afetou meu corpo), ora por qualidades espaciais propícias para a continuidade da experiência, ora por se mostrarem “fotogênicas”, por conta da orientação solar, presença de fachadas ornamentadas por azulejos, etc., mas sempre consideradas e reconhecidas por mim (empiricamente através de observação direta) como locais minimamente movimentados e parte do cotidiano e do uso das pessoas da região. As nove escadinhos escolhidas foram: Travessa da Arrochela (1), Travessa do Cabral (5), Travessa dos Barbadinhos (7), Escadinhos Damasceno Monteiro (23), Escadinhos de São Miguel – trecho central (47), Rua dos Corvos (96), Beco dos Surradores (106), Travessa do Fala-só (109) e Escadinhos da Costa do Castelo (118).

E como estou tratando do cotidiano e da passagem do tempo, amparado poeticamente por George Perec, encontro num antigo alfarrabista do centro da cidade, reproduções de mapas da cidade produzidos por Júlio Antônio Vieira da Silva Pinto e Alberto de Sá Correia, por volta de 1904-1911, em escala 1:1000 e ilustrados em aquarela, no formato 930x640 mm (hoje pertencentes ao Arquivo Municipal de Lisboa). Utilizo esses mapas para retornar às nove escadinhos e iniciar um outro procedimento experimental da hipótese: a construção de narrativas do cotidiano através do registro da passagem do tempo, utilizando a cronofotografia.

Cada uma das nove escadinhos foram novamente desenhadas, agora com mais cuidado e profundidade corpora. Com os mapas e os desenhos em mãos, elejo em cada uma delas alguns locais mais apropriados para me posicionar e registrar, durante horas, a passagem do tempo cotidiano. Como simplificação do procedimento, por conta do tempo limitado que restava na cidade, os registros cronofotográficos foram divididos em períodos do dia, durante diferentes dias da semana: manhã, dia, tarde e noite; segunda-feira a domingo. Em cada um dos períodos, me deixo levar pela movimentação característica daquele horário, daquele dia da semana, daquele dia em especial, daquele ponto de observação, de minha predisposição (maior ou menor, por conta do humor, da fome, do desconforto, etc.). Os registros não são programados nem ritmados. Assim como Perec, “anoto” o que me chama a atenção, sempre apontando a câmera fotográfica – fixada em um tripé e acionada por controle sem fio – para um ângulo específico e constante. Perante meus olhos – e a lente de minha câmera Pentax – tudo e nada acontecia: só o tempo e a Cidade passavam.

Ao todo, foram quase 3.000 minutos e 8.000 instantes registrados. As cinco cronofotografias a seguir são uma pequena amostra do material levantado pelo corpo, não mais de passagem, mas sim parado num mesmo local por várias horas, observando e percebendo, acompanhando a vida cotidiana acontecendo, indomável, ainda, e resistente às racionalidades tecnológicas dos potentes projetos modernizadores de mobilidade urbana que pretendem pôr fim ao esforço do corpo na Cidade.

Como o esforço irracional de subir ou descer escadinhas urbanas.

Mas um esforço irracional que constitui, que coloca o corpo em contato direto com a Cidade.

Corpo que desenha a Cidade.

Cidade que desenha o corpo...

Enfim, hipótese experimentada.

60 - BECO DA DOÇA (S/ RUA) (17/5)
* 4 DEGRAUS

61 - TRAVESSA DO SEQUEIRO (17/5)
* 11 + PATAMAR 3 PÉS + 10 = 21 DEGRAUS
* DEGRAU 1 PÉ
+ ESPELHO 4/5 PÉ

62 - TRAVESSA DA LARANJEIRA (ESQUINA) (17/5)
* 7 + RUA DE ALMADA CRUZANDO + 50 = 57 DEGRAUS

63 - TRAVESSA DA LARANJEIRA (CORRETO) (17/5)
* FONTE D'ÁGUA
* RAMPA 42 PÉS COM 2 ÁRVORES + 8 + PATAMAR 7 PÉS COM ÁRVORE + 8 + PATAMAR 7 PÉS COM ÁRVORE + 12 + PATAMAR 10,5 PÉS COM ÁRVORE + 7 + PATAMAR 2 PÉS COM ÁRVORE + 3 + PATAMAR 7 PÉS COM ÁRVORE + 3 + PATAMAR 7 PÉS COM ÁRVORE + 8 + PATAMAR 50 PÉS COM 4 BANCOS E 2 ÁRVORES = 61 DEGRAUS

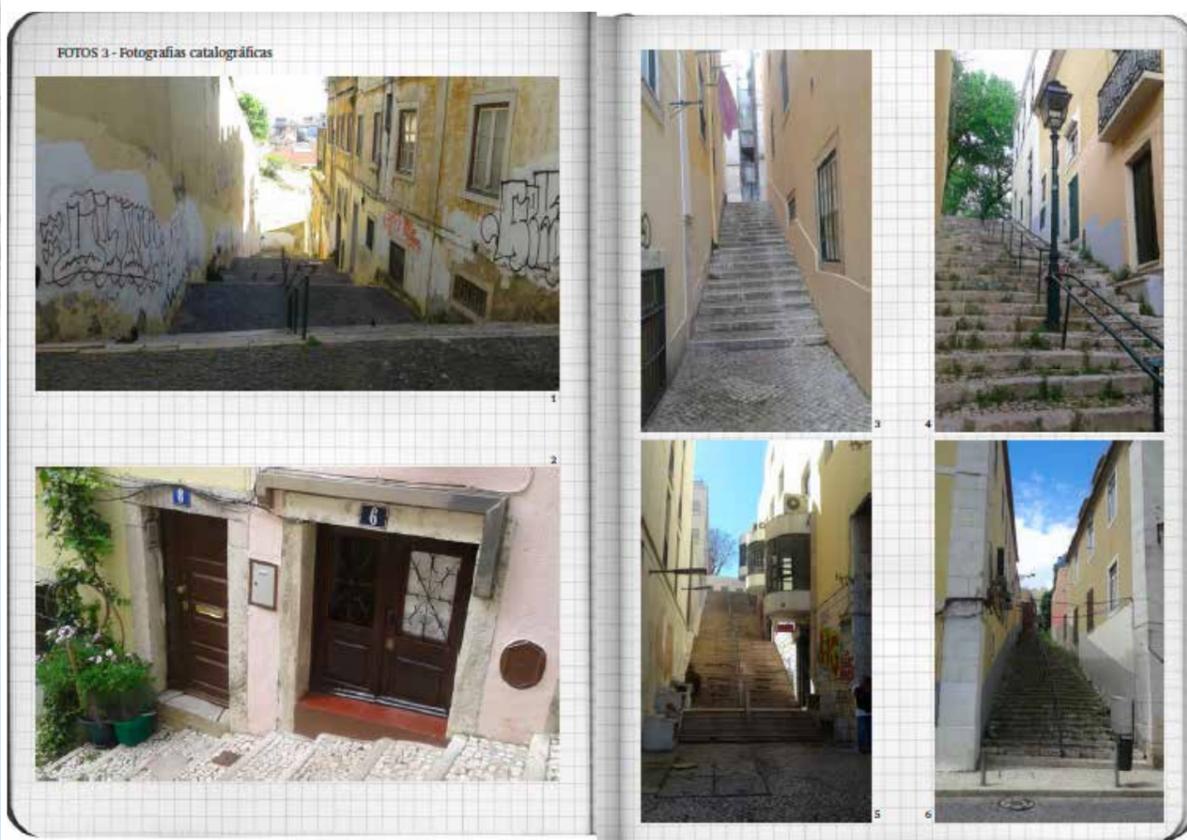
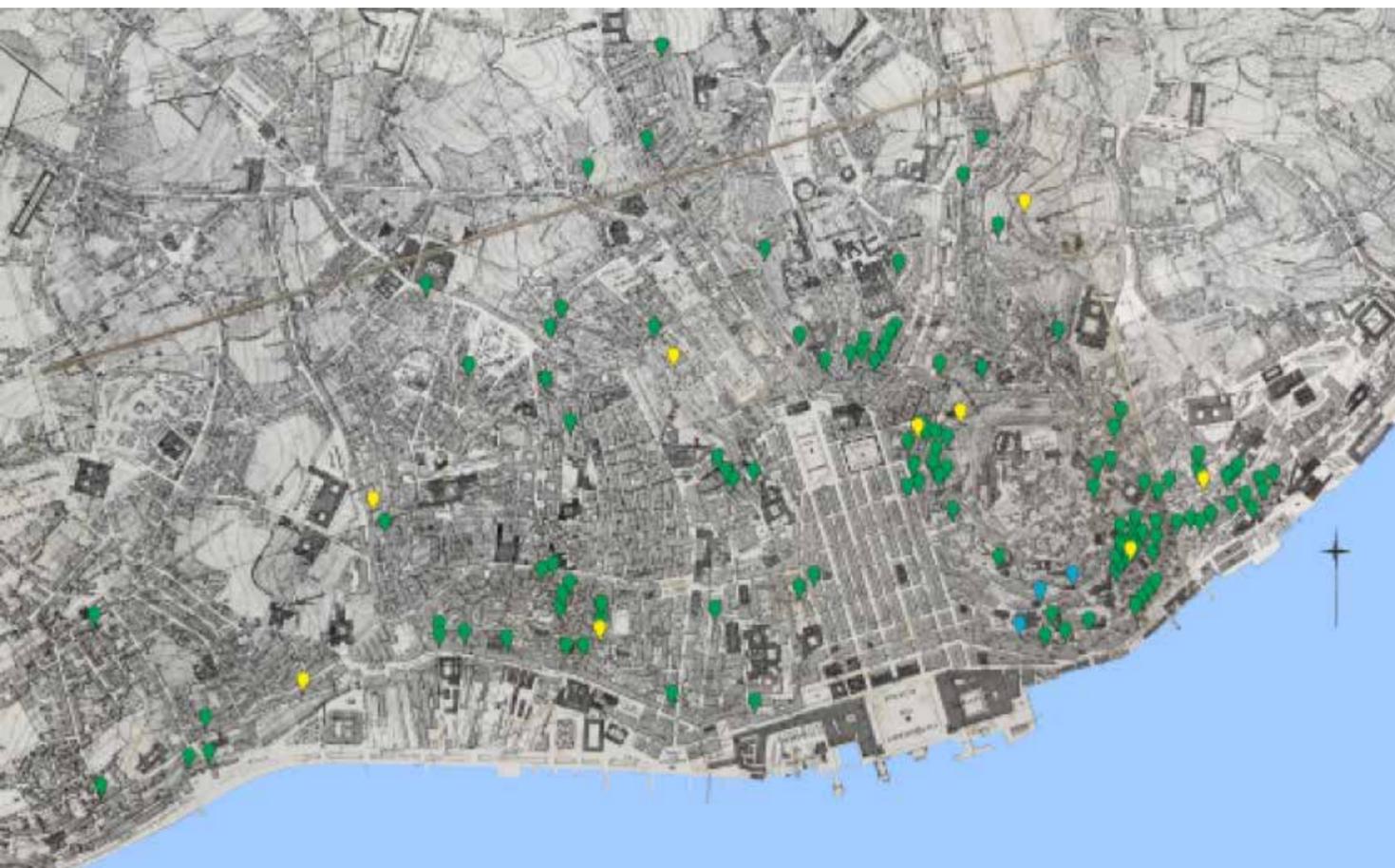
64 - TRAVESSA DA PORTUGUESA (DIRETA) (17/5)
* RUA ATÉ A METADE
* 4 + PATAMAR 13 PÉS COM ÁRVORE + 2 + PATAMAR 12 PÉS COM ÁRVORE + 13 + PATAMAR 5 PÉS COM ÁRVORE + 20 + PATAMAR 15 PÉS COM ÁRVORE E BANCO + 3 = 42 DEGRAUS

65 - TRAVESSA DA PORTUGUESA (ESQUINA) (17/5)
* RUA ATÉ A METADE
* 4 + PATAMAR 5 PÉS + 12 + RUA DE ALMADA CRUZANDO + 33 + PATAMAR 9,5 PÉS + 30 COM TORRE DE OBRAS ATÉ A METADE DA LARGURA = 79 DEGRAUS

66 - TRAVESSA DOS TEATROS (17/5)
* 3 + PATAMAR 0,5 PÉS + 8 + PATAMAR 6,5 PÉS + 13 = 30 DEGRAUS
* DEGRAU 2 PÉS
* ESPELHO 1/2 PÉ
* LARGURA 22 PÉS

67 - CALÇADA NOVA DE SÃO FRANCISCO (17/5)
* DECKS E MESSAS DOS RESTAURANTES
* [CIMA PARA BAIXO]
* 19 + PATAMAR 14 PÉS COM ÁRVORE E BANCO + 16 + PATAMAR 12,5 PÉS COM ÁRVORE E BANCO + 23 + PATAMAR 21,5 PÉS COM OCEANO MÁGICO E ÁRVORE + 14 + PATAMAR 11,5 PÉS + 17 = 89 DEGRAUS

68 - ESCADINHAS DO SANTO ESPÍRITO DA PEDREIRA (17/5)
* REFORMAÇÃO JUNTO COM OS ARMAZENS DO CHIADO
* 13 + PATAMAR 7,5 PÉS + 13 + PATAMAR 6 PÉS + 13 + PATAMAR 24,5 PÉS COM MESA DA LOJA DE DISCOS + 10 + PATAMAR 7 PÉS + 11 = 60 DEGRAUS





1. Beco de São Luís da Pena;
2. Rua da Hera;
3. Beco da Ricarda;
4. Escadinhas de São João Nepomuceno;
5. Rua Tomé Feres;
6. Rua de São Domingos;
7. Beco do Surra;
8. Calçada da Rica Grande;
9. Travessa do Ferragial.

FOTOS 4 - Montagens panorâmicas



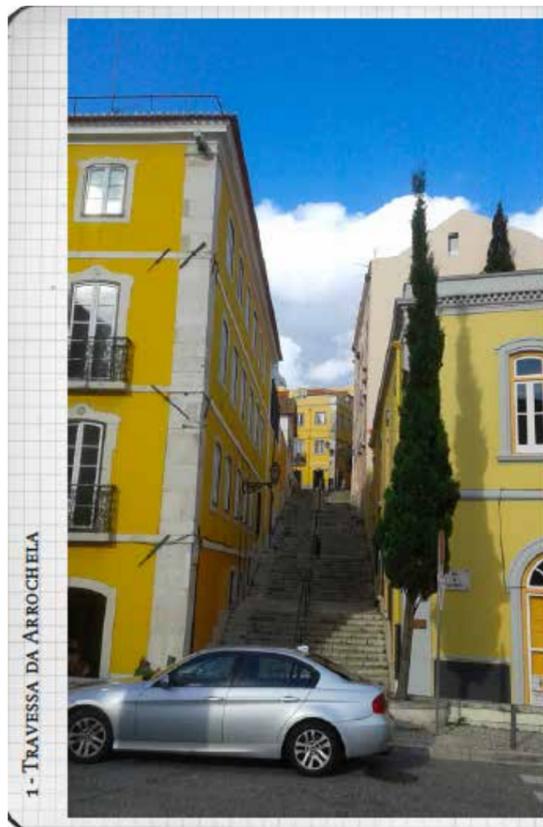
1. Calçada Nova do CoMgio;
2. Caracol da Graça;
3. Escadas do Monte;
4. Escadinhas de São Cristóvão;
5. Escadinhas do Terreiro do Trigo;
6. Travessa da Arrochela;
7. Travessa dos Barbudinhos;
8. Travessa de Santa Catarina;
9. Escadinhas de São Miguel.

Página ao lado: Figura 5 - Balanço da catalogação.

BALANÇO DA CATALOGAÇÃO

- * 10 DIAS CAMINHANDO PELA CIDADE
- * 126 ESCADINHAS CATALOGADAS
- * 7853 DEGRAUS
- * 428 PATAMARES / LARGOS / FINS DE RUA / ETC.
- * 058 ÁRVORES
- * 019 BANCOS
- * 010 POSTES E 7 BARRAGENS/FONTES
- * 3800 PÉS ENFILETRADOS
- * 1212 FOTOS
- * 9 ESCADINHAS CRONO FOTOGRAFADAS
- * 2940 MINUTOS VENDO O COTIDIANO ACONTECER
- * 8040 INSTANTES REGISTRADOS

FOTOS 6 - As 9 escadinhas escolhidas e suas placas de logradouro.



1 - TRAVESSA DA ARROCHELA

CATÁLOGO ESCADINHAS

- 1 - TRAVESSA DA ARROCHELA (12/5)
- * 13 + PATAMAR 16 PÉS + 13 + PATAMAR 12 PÉS + 13 + PATAMAR 14 PÉS + 16 + PATAMAR 12 PÉS + 11 = 66 DEGRAUS
 - * DEGRAU 1 PÉ E MEIO
 - * ESPELHO 1/3 PÉ
 - * LARGURA 12 PÉS (CIMA) E 16 PÉS (BAIXO)
- 2 - ESCADINHAS DE SÃO JOÃO NEROMUCENO (12/5)
- * 27 + PATAMAR 7 PÉS + 26 = 53 DEGRAUS
 - * DEGRAU 1 PÉ E MEIO
 - * ESPELHO 1/2 PÉ
- 3 - CALÇADA DA BICA PEQUENA (12/5)
- * 48 DEGRAUS

4 - CALÇADA DA BICA GRANDE (12/5)

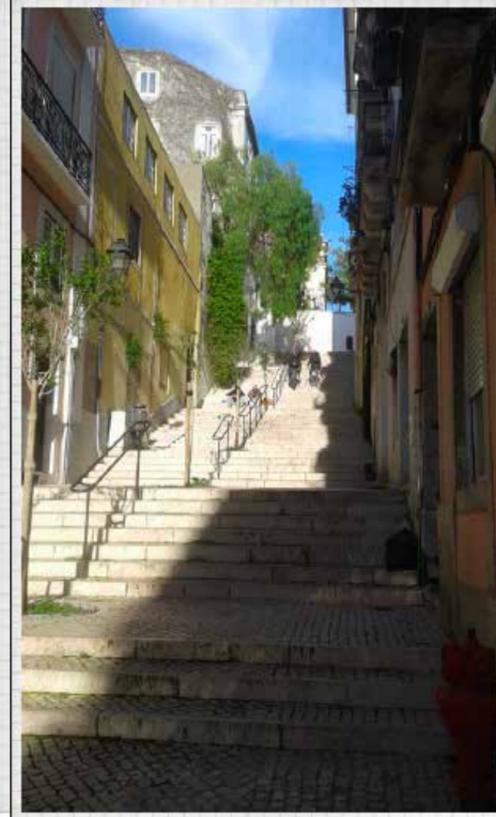
- * 32 + PATAMAR 12 PÉS + 56 + PATAMAR 16 PÉS + 42 = 130 DEGRAUS
- + DEGRAU VARIÁVEL 2 PÉS
- + ESPELHO VARIÁVEL 2/3 PÉ

5 - TRAVESSA DO CABRAL (12/5)

- * EM "L" [CIMA PARA BAIXO]
- * 8 + PATAMAR 13,5 PÉS + 9 + PATAMAR 25 + 11 PÉS + 20 + PATAMAR 8,5 PÉS COM ÁRVORE + 20 + PATAMAR 8,5 PÉS COM ÁRVORE + 14 + PATAMAR 8,5 PÉS COM ÁRVORE + 5 + PATAMAR 13,5 PÉS COM ÁRVORE + 7 + PATAMAR 7,5 PÉS COM ÁRVORE + 3 = 86 DEGRAUS
- + DEGRAU 1,3 PÉS
- + ESPELHO 1/2 PÉ

6 - TRAVESSA DO FERRAGIAL (12/5)

- * 11 + PATAMAR 8 PÉS COM ÁRVORE + 21 = 32 DEGRAUS
- + DEGRAU 1,5 PÉS
- + ESPELHO 1/2 PÉ



5 - TRAVESSA DO CABRAL



7 - TRAVESSA DOS BARBADINHOS (13/5)

- * 1 + PATAMAR 6 PÉS COM ÁRVORE + 14 + PATAMAR 11 PÉS COM ÁRVORE + 26 = 41 DEGRAUS
- * DEGRAU 1,5 PÉS
- * ESPELHO 1/2 PÉ
- * LARGURA 22 PÉS

8 - TRAVESSA DE SANTOS (13/5)

- * 12 + PATAMAR 33,5 PÉS COM ÁRVORE + 7 + PATAMAR 28 PÉS COM ÁRVORE = 19 DEGRAUS
- * DEGRAU 1,5 PÉS
- * ESPELHO 1/2 PÉ
- * LARGURA 15 PÉS

9 - ESCADINHAS DA PRAIA (13/5)

- * 15 + PATAMAR 7 PÉS COM ÁRVORE + 15 + PATAMAR 9,5 PÉS + 13 = 43 DEGRAUS
- * LARGURA 27 PÉS

10 - PÁTIO DO PINZALEIRO (15/REGISTO)

- * UMA ESCADA DE MEIO DE QUADRA COM 27 DEGRAUS = ACESSOS A BALCÕES E GALPÕES



46 - RUA DA GALÉ (15/5)

- * CORREIA LARGO E FICA SEM ESTREITO
- * 32 DEGRAUS

47 - ESCADINHAS DE SÃO MIGUEL (15/5)

- * LABIRINTO DE ESCADINHAS POR ENTRE CASAS
- * INÍCIO DAS MONTANHAS DAS BARRICAS PARA FESTAS DE URSO
- * CONJA PARA VENDO O GINGA AOS QUINOS

PRIMEIRO GRANDE CONJUNTO

- * 7 + GRANDE LARGO DA IGREJA + 34 + PÁTIO COM ÁRVORE (PAVIA) + BIFURCAÇÃO T + 2 + PATAMAR 8 PÉS + 8 + PATAMAR 5 PÉS + 7 (ESQUERDA); 13 + PATAMAR 12 PÉS + 14 + PATAMAR L + 13 + PATAMAR L 5x7 PÉS + 4 + PATAMAR 5 PÉS + 8 + PATAMAR 6 PÉS + 11 + PATAMAR L + 5 + LARGO CALÇADINHA DA FIGUEIRA = 126 DEGRAUS

SEGUNDO GRANDE CONJUNTO

- * OUTRO LARGO DA IGREJA 22 + BIFURCAÇÃO Y + 11 (ESQUERDA) + PÁTIO ÁRVORE (PAVIA) + 13 (ESQUERDA) + PÁTIO RUA CASTELO PIÃO + BIFURCAÇÃO Y + 12 (DIREITA) + 22 (ESQUERDA) + PATAMAR 6 PÉS + 16 + PATAMAR 6 PÉS + 17 + PATAMAR L 12x10 PÉS COM BANCO + 6 + LARGO CALÇADINHA DA FIGUEIRA + 13 = 144 DEGRAUS

48 - RECO DE SANTA HELENA (15/5)

- * 53 + PATAMAR + 5 + PATAMAR + 6 + PATAMAR + 15 + PATAMAR + 4 + PATAMAR + 6 + PATAMAR + 11 = 100 DEGRAUS

21 - ESCADAS DO MONTE (14/5)

- * 32 + PATAMAR 8 PÉS + 34 + PATAMAR 8,5 PÉS + 25 em LARGO + PATAMAR (2 PÉS) COM BANCO + 10 + PATAMAR L 22x13 PÉS + 23 + PATAMAR 19 PÉS + 22 = 146 DEGRAUS
- * LARGURA 26 PÉS

22 - TRAVESSA DA CRUZ AOS ANJOS (14/5)

- * 16 + PATAMAR 21 PÉS + 18 + PATAMAR 16 PÉS + 18 + PATAMAR 16 PÉS + 9 = 61 DEGRAUS

23 - ESCADINHAS DAMASCENO MONTEIRO (14/5)

- * 18 + PATAMAR 6 PÉS + 17 + PATAMAR 6 PÉS + 19 + PATAMAR 4,5 PÉS + 14 + PATAMAR 5 PÉS + 16 + PATAMAR 3 PÉS + 27 + PATAMAR 3 PÉS + 19 + PATAMAR 7 PÉS + 20 + PATAMAR L 7x12 PÉS + 9 + PATAMAR 7 PÉS + 4 = 163 DEGRAUS
- * PÓRTO DOURO

24 - CASALCA DA GRAÇA (14/5)

- * [CIMA PARA BAIXO]
- * 18 + PATAMAR + 13 + PATAMAR 2 + 16 + PATAMAR + 18 + PATAMAR U + 10 + PATAMAR + 12 + PATAMAR + 12 + PATAMAR U + 11 + PATAMAR + 12 + PATAMAR + 13 + PATAMAR + 11 + PATAMAR + 11 + PATAMAR U + 15 + PATAMAR U + 12 + PATAMAR + 11 + PATAMAR L + 14 + PATAMAR + 7 + PATAMAR + 10 = 226 DEGRAUS



96 - RUA DOS CORVOS (20/5)

- * 24 + PATAMAR 7,5 PÉS COM ÁRVORE + 6 + PATAMAR 6,5 PÉS COM BANCO + 5 + PATAMAR 12,5 PÉS COM BANCO + 3 = 38 DEGRAUS

97 - LARGO DO SEGRETRA (20/5)

- * 17 + PATAMAR 5 PÉS + 5 + PATAMAR 13,5 PÉS + 2 + PATAMAR 9,5 PÉS + 2 + PATAMAR 3,5 PÉS + 13 = 39 DEGRAUS

98 - ESCADINHAS DO ARCO DA SAIÁ-ROSA (20/5)

- * [CIMA PARA BAIXO]
- * 5 + PATAMAR 7 PÉS COM BANCO + 18 + PATAMAR 9 PÉS COM BANCO + 10 + PATAMAR 4,5 PÉS + 10 + PATAMAR 12 PÉS + 3 + RECO DOS PAUS BIFURCANDO + 15 + PATAMAR 12 PÉS + 39 = 100 DEGRAUS

99 - RECO DOS PAUS (20/5)

- * [CIMA PARA BAIXO]
- * 12 + PATAMAR 6 PÉS COM PESTE O BEBEDOURO + 17 + RECO DO OUTEIRAL DO AMENCOETRE + 18 + PATAMAR 11 PÉS + 15 + PATAMAR 10 PÉS + 14 = 76 DEGRAUS



105 - LARGO DOS TRIGUEIROS ESQUERDA (1/ registro)

* 3 + PATAMAR LONGO L + 7 + PATAMAR U + 10 = 20 DEGRAUS

106 - BECO DOS SURRADORES (14/5)

* 12 + PATAMAR 7,5 PÉS + 8 + PATAMAR 6PÉS + 15 + PATAMAR 7,5 PÉS + 10 + PATAMAR 6,5PÉS + 10 = 55 DEGRAUS

107 - CALÇADA DE SÃO LOURENÇO (1/ registro)

* 5 + PATAMAR 11 PÉS + 8 + PATAMAR 5 PÉS + 5 + PATAMAR 5 PÉS + 4 + PATAMAR T + 17 + PATAMAR 5 PÉS + 10 (DIREITA) + 5 + PATAMAR 8 PÉS + 6 + PATAMAR 10 PÉS + 3 + PATAMAR 8PÉS + 6 + PATAMAR 7 PÉS + 3 + PATAMAR 6 PÉS + 8 + PATAMAR 5 PÉS + 7 = 87 DEGRAUS

108 - TRAVESSA DA HORTA DA CÔIA (15/5)

* 19 DEGRAUS

109 - TRAVESSA DO CALA-SÓ (15/5)

* 17 + PATAMAR 11 PÉS + 7 + PATAMAR 23 PÉS + 17 + PATAMAR 10 PÉS COM ÁRVORE + 3 + PATAMAR 5 PÉS + 15 = 59 DEGRAUS



115 - TRAVESSA DAS MOÍNAS (19/5)

* 32 DEGRAUS

116 - BECO DA RICARDA (30/5)

* 16 + PATAMAR S + 20 + PATAMAR 17 PÉS + 21 = 57 DEGRAUS

117 - ESCADINHAS DA SAÚDE (14/5)

* 10 + PATAMAR 5,5 PÉS COM ÁRVORE + 14 + PATAMAR 5,5 PÉS COM ÁRVORE + 14 + PATAMAR 5 PÉS COM ÁRVORE + 15 + PATAMAR 6,5 PÉS COM ÁRVORE + 13 + PATAMAR 5,5 PÉS COM ÁRVORE + 11 + PATAMAR 6 PÉS COM ÁRVORE + 15 + PATAMAR 5 PÉS COM ÁRVORE + 16 + PATAMAR 5,5 PÉS + 14 = 122 DEGRAUS

* LARGURA 17 PÉS

118 - ESCADINHAS DA COSTA DO CASTELO (14/5)

* 23 + PATAMAR 20 PÉS + 17 + PATAMAR 11 PÉS + 21 = 61 DEGRAUS

* DEGRAUS PEDRAS BRANCAS E PATAMARES PEDRAS PRETAS

119 - CALÇADA DA ROSA (14/5)

* 48 DEGRAUS



105 - LARGO DOS TRIGUEIROS ESQUERDA (1/ registro)

* 3 + PATAMAR LONGO L + 7 + PATAMAR U + 10 = 20 DEGRAUS

106 - BECO DOS SURRADORES (14/5)

* 12 + PATAMAR 7,5 PÉS + 8 + PATAMAR 6PÉS + 15 + PATAMAR 7,5 PÉS + 10 + PATAMAR 6,5PÉS + 10 = 55 DEGRAUS

107 - CALÇADA DE SÃO LOURENÇO (1/ registro)

* 5 + PATAMAR 11 PÉS + 8 + PATAMAR 5 PÉS + 5 + PATAMAR 5 PÉS + 4 + PATAMAR T + 17 + PATAMAR 5 PÉS + 10 (DIREITA) + 5 + PATAMAR 8 PÉS + 6 + PATAMAR 10 PÉS + 3 + PATAMAR 8PÉS + 6 + PATAMAR 7 PÉS + 3 + PATAMAR 6 PÉS + 8 + PATAMAR 5 PÉS + 7 = 87 DEGRAUS

108 - TRAVESSA DA HORTA DA CÔIA (15/5)

* 19 DEGRAUS

109 - TRAVESSA DO CALA-SÓ (15/5)

* 17 + PATAMAR 11 PÉS + 7 + PATAMAR 23 PÉS + 17 + PATAMAR 10 PÉS COM ÁRVORE + 3 + PATAMAR 5 PÉS + 15 = 59 DEGRAUS

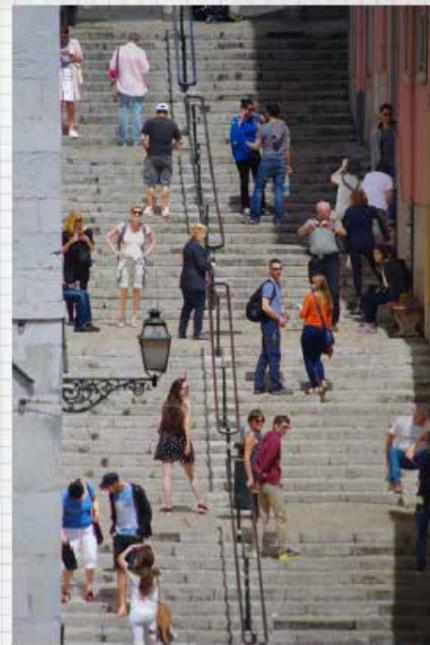
PROGRAMAÇÃO CRONOFOTOGRAFIA

PERÍODO	ESTACIONA F0 TRAVESSA DA ARROCHELA	F12 ESCADINHAS DE SÃO MIGUEL TRAVESSA CORRAL	G11 BECO DOS SURRADORES	G10 TRAVESSA DA BARBARA	G09 TRAVESSA DO CALA-SÓ	G11 ESCADINHAS DA COSTA DO CASTELO	F12 RUA DOS CORNOS	F12 TRAVESSA DO CABRAL	F12 ESCADINHAS DA SAO MONTIPE
MANHÃ	QUARTA-F. 18/05 10h30 - 14h30 4 horas	DOMINGO 29/05 11h30 - 14h30 3 horas	SEGUNDA-F. 25/05 10h30 - 13h30 2:50 horas	SEGUNDA 30/05 10h30 - 13h30 2:30 horas	SÁBADO 28/05 09h45 - 12h30 2:50 horas			QUARTA-F. 01/06 10h30 - 12h40 2:20 horas	TERÇA-F. 31/05 12h00 - 14h00 2 horas
DIA	SEGUNDA-F. 30/05 13h40 - 16h00 2:20 horas	SEXTA-F. 20/05 12h10 - 15h00 3:10 horas	TERÇA-F. 31/05 15h10 - 18h10 2:50 horas	QUINTA-F. 02/06 12h30 - 15h30 2 horas		SÁBADO 28/05 13h40 - 16h00 2:20 horas	DOMINGO 29/05 15h40 - 17h40 2 horas		
TARDE	TERÇA-F. 24/05 18h30 - 20h50 2:20 horas	QUINTA-F. 01/06 18h30 - 21h30 3 horas	DOMINGO 29/05 18h30 - 20h30 2 horas	SEXTA-F. 27/05 18h30 - 20h30 2 horas	SEGUNDA-F. 20/05 17h30 - 19h30 2 horas	TERÇA-F. 31/05 18h30 - 20h40 2:10 horas		SÁBADO 28/05 18h40 - 21h10 2:30 horas	
NOITE	00h15	21h30	22h30	00h30	22h50	22h15	21h45	23h10	21h50

Figura 10



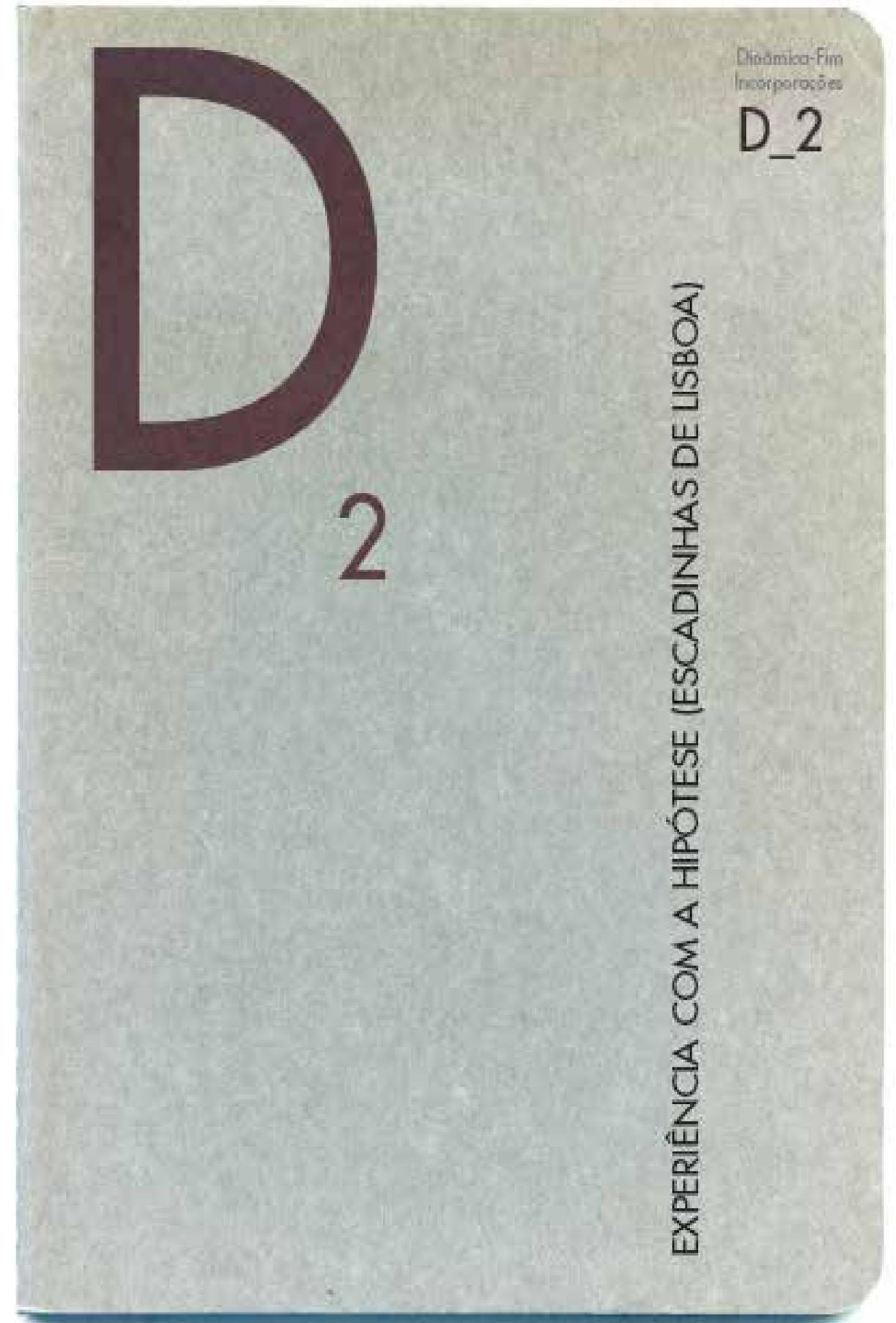
Travessa da Arrochela
Segunda-feira 20/05/2016
Entre 13h40 e 16h00
664 registros
6 instantes
“Cães e donos”



Travessa da Arrochela
Segunda-feira 20/05/2016
Entre 13h40 e 16h00
664 registros
22 instantes
“Paradas”



Travessa dos Barbadinhos
Segunda-feira 30/05/2016
Entre 10h30 e 13h00
266 registros
54 instantes
“30 minutos”



Dinâmica-Fim
Incorporações

D_2

EXPERIÊNCIA COM A HIPÓTESE (ESCADINHAS DE LISBOA)